

**HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS: EDUCAÇÃO JESUITICA NA
PROVINCIA DO PARAGUAI (1549/1767)****HISTORY OF RELIGIOUS INSTITUTIONS: JESUIT EDUCATION IN PARAGUAY
PROVINCE (1549/1767)**Silvino Areco ¹**Resumo**

O objetivo geral do presente artigo foi demonstrar o percurso teórico e metodológico da realização de uma pesquisa. Mais especificamente demonstrar os caminhos percorridos para a realização da minha dissertação de mestrado intitulada: *As reduções jesuíticas do Paraguai: a vida cultural, econômica e educacional* (2008). O referencial teórico-metodológico utilizado para iluminar a pesquisa foi fundamentado no materialismo histórico e dialético. A base para a pesquisa foi efetivada através da coleta de dados, a partir de fontes primárias e secundárias. Este estudo sobre a contribuição das instituições religiosas na educação faz parte da Linha de Pesquisa Estado e Políticas Públicas em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a perspectiva do trabalho foi lançar um novo olhar sobre a problemática da gênese dos empreendimentos jesuíticos para financiar suas atividades educativas e missionárias. A análise tem como delimitação temporal desde o momento de inserção dos jesuítas na América Latina (1549), até a sua expulsão (1767). O artigo teve como finalidade dar um “norte” para os futuros pesquisadores, acerca do percurso a ser percorrido para a realização de uma investigação científica, e apresentar os elementos que considero essenciais para o desenvolvimento desse caminhar solitário do investigador.

Palavras-chave: Educação. Instituições Religiosas. Companhia de Jesus.

Abstract

The overall objective of this paper was to demonstrate the theoretical and methodological approach of conducting a search. More specifically demonstrate the paths to the realization of my master's thesis entitled: *The Jesuit missions of Paraguay: the cultural, economic and educational* (2008). The theoretical framework used to illuminate the research was based on the historical and dialectical materialism. The basis for the research was carried out by collecting data from primary and secondary sources. This study on the contribution of religious institutions in education forms part of the State Line of Research and Public Policy in Education Program of Postgraduate Education of the Federal University of South Mato Grosso, the perspective of the work was to launch a new look on problem of the genesis of the Jesuit enterprises to finance their educational and missionary activities. The analysis is temporal delimitation from the time of insertion of the Jesuits in Latin America (1549), until their expulsion (1767). The article was intended to give a "north" for future researchers, on the route to be followed for conducting scientific research, and present the elements that are important for the development of this walk lone researcher.

Key-words: Education. Religious institutions. Society of Jesus.

¹ O autor é doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: silvinoareco@yahoo.com.br

Questões introdutórias

Nos últimos anos houve um crescente interesse em relação aos estudos sobre as relações entre as ordens religiosas e as instituições do capitalismo, para além da esfera da educação, como, por exemplo, a da ciência, da cultura, das artes e da política.

Muitos desses estudos resultaram em teses, dissertações e trabalhos de iniciação científica que foram efetivados sob a orientação do professor David Victor-Emmanuel Tauro, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no grupo de pesquisa “Contribuição das Instituições Religiosas à História da Educação”. Esse grupo de pesquisa estava vinculado à linha de pesquisa “Estado e Políticas Públicas em Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da referida instituição.

A minha² participação no grupo teve como resultante a dissertação de mestrado: *As reduções jesuíticas do Paraguai: a vida cultural, econômica e educacional*, publicado em (2008), a tese de doutorado; *A acumulação primitiva nos domínios ultramarinos: educação e trabalho nas reduções jesuíticas do Paraguai (1549-1767), o caráter singular e o universal*, publicado em (2013), e os livros; *Homens de Negro (s): a epopeia jesuítica na América Colonial*, publicado em (2014); *Companhia de Jesus: a ação jesuítica e a gênese do capitalismo: a encruzilhada ética entre deus e o lucro*, publicado em (2016), pela editora Novas Edições Acadêmicas. Além dessas publicações, eu produzi mais de uma dezena de artigos que foram veiculados em revistas especializadas, em capítulos de livros e anais de eventos.

O objetivo geral do presente artigo é demonstrar o percurso teórico e metodológico da realização de uma pesquisa. Mais especificamente mostrar os caminhos percorridos quando da realização da minha dissertação de mestrado. Busquei na apreciação discorrer sobre o tema, o referencial teórico, o objetivo geral e os específicos, as fontes de dados, a estrutura da dissertação e as conclusões a que cheguei após o exaustivo trabalho. Acredito que essas reflexões possam ser importantes para todos os acadêmicos de graduação e pós-graduação que pretendam desenvolver suas monografias de conclusão de curso, suas dissertações de mestrado ou suas teses de doutoramento. Procuro apresentar no artigo, de maneira didática, o arcabouço da minha investigação, sem a intenção de que seja um modelo a ser seguido, mas, sim, apresentar os caminhos que percorri.

² Na introdução por ser o relato de uma experiência de pesquisa utilizo a primeira pessoa do singular, durante o percurso do artigo utilizo a primeira pessoa do plural.

Quando iniciei meu projeto de pesquisa para produzir a dissertação de mestrado, fiz um exaustivo levantamento bibliográfico denominado “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, e procurei reunir, analisar e discutir as informações publicadas sobre o tema. O propósito foi fundamentar teoricamente o objeto de investigação com bases sólidas, e não arbitrariamente. Neste sentido, o “estado da arte” é o “pano de fundo” do problema de pesquisa. Esse trabalho compreendeu uma minuciosa busca na literatura, selecionando-se e sintetizando-se ideias, estudos e pesquisas que se relacionassem com o problema investigado. As ideias contidas nos estudos devem ser inter-relacionadas e confrontadas, principalmente se forem contraditórias. A organização da revisão da literatura deve ser feita de forma lógica, em função das variáveis ou dos pontos mais relevantes do problema investigado, sem se procurar forçar a uma organização cronológica. Evidentemente o meu “estado da arte” foi acerca da contribuição das instituições religiosas para a história da educação e para a instituição do capitalismo. Depois desse procedimento, ao começar a escrever a dissertação, delimito como tema estudar especificamente **a ordem religiosa católica Companhia de Jesus**. O objeto de análise foram as reduções jesuíticas da Província do Paraguai, sendo o foco central da investigação as suas atividades econômicas, culturais e educacionais.

A delimitação temporal abrangeu desde a chegada dos inicianos na América Latina, em 1549, até a sua expulsão das possessões espanholas, em 1767. A delimitação espacial do estudo se prendeu à Província do Paraguai. É importante ressaltar que a Governança e a Província do Paraguai abrangiam naquele período um território significativamente mais extenso que o atual Estado Nacional paraguaio, possuindo regiões que atualmente pertencem ao Brasil, Uruguai, Argentina e Bolívia. De acordo com Gadelha (1989), possuía o Paraguai jurisdição sobre os atuais Estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, sul de Mato Grosso (atualmente o Estado de Mato Grosso do Sul) e parte do pantanal mato-grossense, subindo daí até a bacia do Amazonas, região nunca colonizada pelos espanhóis.

Ao fazer o “estado da arte” da temática, detectei que, na história da educação, as pesquisas se mostraram particularmente intransigentes em suas análises acerca das relações da Igreja Católica com a criação da ciência moderna, com a pesquisa em educação da época e com a transição do feudalismo para o capitalismo. No entanto, alguns trabalhos mais recentes ajudaram a rever a importância dessa instituição eclesial para a ciência e a reflexão científica moderna no nascimento do capitalismo. Quanto à Companhia de Jesus, há igualmente uma enorme variedade de interpretações de suas obras, tanto junto aos índios nas missões como na

área da educação, seja nos países europeus, seja nos países colonizados, que merecem ser esclarecidas a fim de avaliar seu peso para o desenvolvimento do capitalismo.

Em geral, se desdenha ou se ignora o enorme papel desempenhado pelos jesuítas (e pela própria Igreja Católica Romana) nas pesquisas filosóficas, matemáticas, físicas e astronômicas, como também nas ciências naturais (zoologia e botânica). Um dos maiores equívocos em relação aos fundamentos epistemológicos dos trabalhos intelectuais leva a desprezar o imenso esforço dos “Companheiros de Jesus” a favor da consolidação da jovem sociedade capitalista. A metafísica aristotélica e a prática formal da escolástica foram responsabilizadas pela corrupção da *paideia* jesuíta.

A relevância da pesquisa realizada também se justifica pela ampla discussão no campo teórico. Os positivistas avaliam a ação inaciana como “civilizadora”, pois retiraram os indígenas do estágio “selvagem” para conduzi-los até à “civilização”, ao ensiná-los como se vestir, ler e escrever. Alguns teóricos materialistas históricos não hesitaram em castigar os inacianos com a pecha de reacionários vulgares, militantes fanáticos, contrarrevolucionários e adversários do progresso. Os liberais, ao mesmo tempo em que compartilhavam com essas posições (em relação à Reforma e sobre a questão do progresso), acentuaram também suas críticas quanto a aliança da Companhia de Jesus com os reis da Espanha e de Portugal no projeto colonialista.

O que tem sido esquecido, durante o debate teórico, é a contribuição permanente de transmissão da cultura ocidental feita pelos jesuítas durante as atividades missionárias e a sua colaboração com a comunidade científica. O enorme esforço desenvolvido na construção do empreendimento econômico, administrado pelos jesuítas nos quatro cantos do mundo, permanece em segundo plano nas preocupações teóricas.

Em síntese, a importância da pesquisa se prendeu ao fato de que os jesuítas foram instrumentos importantes na criação e consolidação das relações capitalistas, sobretudo, no cone-sul da América Latina. Logo, compreender as diferentes formas das relações que foram instituídas nos empreendimentos jesuíticos pode elucidar a herança dessa ordem religiosa católica na disseminação da cultura ocidental, imprescindível para a reprodução das relações sociais da modernidade. As relações foram instituídas no mercantilismo comercial, na exploração da agricultura, na criação de gado, participação efetiva na compra e venda de escravos e na promulgação da cultura cristã aos povos originários da América Latina. Os jesuítas foram, ainda, imprescindíveis para reforçar os valores eurocêntricos.

Na atualidade em que se discute a integração latino-americana através da consolidação do Mercosul, o estudo pode contribuir para um melhor entendimento da abrangência e importância do intercâmbio cultural entre o Brasil e os países que lhe fazem fronteira. Nesta perspectiva, desvendar a formação histórica desta região nos possibilitará uma melhor compreensão das desigualdades regionais. E ao lançarmos uma luz em nosso passado, pode surgir uma centelha para que possamos transformar o nosso futuro.

1. O REFERENCIAL TEÓRICO UTILIZADO PARA ILUMINAR OS DADOS

Torna-se imperativo a explicitação da postura que norteou a análise. O recurso que possibilitou a distinção entre o meu trabalho e outros que tiveram por objeto as reduções jesuíticas do Paraguai, foi a teoria tomada em uma acepção bem definida, cujo conteúdo em absoluto guardou qualquer conotação metafísica, ao contrário de algumas noções vulgarizadas do mundo acadêmico. Sob essa perspectiva, a teoria científica mais desenvolvida de nossos dias já está suficientemente constituída, na medida em que ocorreu o pleno amadurecimento da sociedade capitalista após a revolução industrial. A teoria na apreciação tem o sentido explicado por Alves (1984, p.16):

A teoria em nível do pensamento nada mais é do que um reflexo que expressa o grau de consciência do homem em relação ao desenvolvimento material. Necessariamente assim sendo a constituição da teoria derivou da análise rigorosa das nações capitalistas mais desenvolvidas, cuja evolução, pelo próprio fato de serem as mais desenvolvidas, explicita de forma mais elaborada as determinações do modo de produção. Ocorre que essas determinações têm caráter geral, pois o capitalismo impregnou todo o universo através do domínio de algo formidável que ele próprio criou: o mercado mundial.

A perspectiva no interior do trabalho de dissertação foi de adentrar na senda metodológica explicitada por Karl Marx, partindo do método e interpretação do capitalismo: o materialismo histórico e dialético. A opção teórico-metodológica objetivou conferir historicidade ao exame, buscando-se fugir da abordagem dominante. Ao dar historicidade ao objeto, impôs-se à análise desvendar as contradições e os antagonismos resultantes da conquista europeia. O objeto da apreciação teve como foco as categorias constitutivas da teoria marxista e, em decorrência da abordagem eleita, as categorias totalidade, historicidade, mercadoria, trabalho, capital, Estado, ideologia e força de trabalho revestiram-se de uma importância central, e, embora não fossem exclusivas, quando enfatizadas, proporcionam a expressão dos aspectos teórico-metodológicos necessários para a compreensão do objeto.

A categoria totalidade foi central na análise, no sentido evidenciado por Alves (2001), por identificar-se com a própria sociedade capitalista. No estudo das relações econômicas, culturais e educativas produzidas nas reduções jesuíticas do Paraguai, existiu a necessidade premente de entender a organização social dos homens. Nesta acepção, a totalidade concreta e o seu signo são movimentos indivisíveis na análise, cuja ação objetiva é a de destruir a pseudoconcreticidade. Isto é, a destruição da fetichista e aparente objetividade do fenômeno e o seu conhecimento histórico, no qual se manifesta de modo característico a dialética do humano em geral, e, enfim, o conhecimento objetivo do significado do fenômeno, da sua função objetiva e do lugar que ocupa no seio do corpo social. Marx (1978, p.117) traz o seguinte esclarecimento:

[...] a totalidade concreta, como totalidade do pensamento, como um concreto do pensamento, é de modo nenhum produto do conceito que pensa separado e acima da intuição e da representação, e que se engendra a si mesmo, mas em conceitos. O todo tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamento, é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, modo que difere do modo artístico, religioso e prático mental de se apropriar dele.

Para Marx, nesse processo o sujeito real permanece subsistindo, agora em sua autonomia fora do cérebro, isto é, na medida em que o cérebro não se comporta senão especulativamente, mas teoricamente. Por isso, de acordo com Marx (1978, p.17): “No método teórico, neste caso [da economia política], o sujeito (a sociedade) deve figurar sempre na representação como pressuposição”. A totalidade nesta acepção deve ser entendida, grosso modo, como a formação social capitalista.

E quando teve início essa formação social?

Para responder a esse questionamento, a categoria historicidade revestiu-se de um papel fundamental na análise, pois o capitalismo como sistema econômico, político e social, hoje hegemônico, surgiu muito lentamente num período de vários séculos, primeiro na Europa Ocidental e depois em todo o mundo. E o seu surgimento desemboca no esforço dos indivíduos para compreendê-lo. Na apreciação, a categoria historicidade tem o sentido explicado por Ianni (1990), como sendo a transitoriedade do capitalismo, dependente do desenvolvimento dos antagonismos e da luta de classes.

Na obra de Marx, o capitalismo é levado a pensar a si mesmo, de maneira global e como modo fundamental antagônico de desenvolvimento histórico. Partindo desta acepção, queremos evidenciar que o avanço das forças produtivas tem como resultado a produção de excedentes sociais cada vez maiores. As relações sociais engendradas dentro das formações

sociais têm sido contraditórias: a maioria das pessoas trabalham exaustivamente para produzir e sustentar materialmente a sociedade, bem como originar o excedente social. Paradoxalmente, uma pequena minoria se apropria do excedente e o controla. A sociedade burguesa, na afirmação de Marx (1978), é a organização social e histórica mais desenvolvida, mais diferenciada na geração de mercadorias. É a partir desse princípio que efetivamos o nosso exame das relações econômicas, culturais e educativas nas reduções jesuíticas do Paraguai, no período aqui delimitado. Marx (1978, p.120) assevera que:

As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedade já desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado, que toma assim toda a sua significação, etc. A anatomia humana é a chave da anatomia do macaco.

Ao fazer essa analogia com a filologia animal, Marx quer afirmar que, para conhecer a forma inferior, você deve conhecer a forma superior, e, nesse aspecto, a economia burguesa fornece a chave da economia da antiguidade e da própria transição da economia feudal para o capitalismo. A apreciação não foi realizada a partir do método dos economistas burgueses, que fazem desaparecer todas as dificuldades históricas e veem a forma burguesa em todas as formas da sociedade. Marx (1978, p.120) afirma que: “[...] pode se compreender o tributo, o dízimo, quando se compreende a renda da terra, mas não se deve identificá-las”. De acordo com Marx (ibid.), no capitalismo, o valor dos produtos do trabalho humano é dado por duas razões distintas. Primeiro que tais produtos têm características físicas particulares em virtude das quais se tornam utilizáveis e satisfazem as necessidades humanas. Todo produto do trabalho humano tem valor de uso, em todas as sociedades. No capitalismo, os produtos têm valor de uso porque são vendidos no mercado em troca de dinheiro. O dinheiro é desejado porque pode ser trocado por produtos que têm valor de uso desejado. Na medida em que os produtos têm valor porque podem ser trocados por moedas, diz-se que eles têm valor de troca. Essas duas categorias simples, valor de uso e valor de troca, nos possibilitaram entender as relações econômicas das reduções jesuíticas do Paraguai, pois, de acordo com Lugon (1977, p.156):

O comércio entre as reduções, assim como o comércio externo, estava monopolizado e dirigido completamente pela comunidade. De um modo geral, tinha por base o fumo, os legumes, o algodão, os rebanhos e os diversos objetos manufaturados. Yapeyu importava, por exemplo, das reduções do norte, o fumo, o chá e o algodão que sua situação mais distanciada dos trópicos não lhe permitia produzir em condições tão boas.

As relações comerciais revelam a geração de mercadorias com valor de uso e valor de troca nas reduções jesuíticas do Paraguai. Os produtos do trabalho humano têm valor de troca somente no modo de produção caracterizado pela geração de mercadorias. Em essência, o capitalismo é um sistema de mercantilização universal e de extração de mais valia. O sistema mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas, ao mesmo tempo, pois mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz valor. Por isso transforma as próprias pessoas em mercadorias, tornando-as adjetivas de sua força de trabalho, como esclarece Marx (1946, p.1015):

Desde o primeiro instante, são duas características que distinguem o modo capitalista de produção. Primeira: ele produz os seus produtos como mercadorias. O fato de que produz mercadorias não distingue de outros modos de produção; o que distingue é a circunstância, o caráter dominante e determinante de seus produtos. Isto implica, antes de tudo, o fato de que o operário somente aparece como vendedor de mercadorias, ou seja, como trabalhador livre. A segunda é a produção de mais-valia, como finalidade direta e o móvel determinante da produção. O capital produz essencialmente capital.

O mais valor e a mercadoria não podem ser compreendidos entre si, mas como produtos das relações sociais que produzem o capitalismo. Marx (1978) afirma que a mercadoria apareceu-nos, inicialmente, como duas coisas: valor de uso e valor de troca. Mais tarde, Marx descobriu que o trabalho também possui esse duplo caráter: quando se expressa como valor, não possui mais as mesmas características que lhe pertencem como gerador de valores de uso. Portanto, antes de vender as mercadorias no mercado e obter o lucro, é preciso produzi-las; mas é o trabalho, e só o trabalho, que pode criar o valor.

Na análise dialética, as relações surgem como realmente são, isto é, como sistemas de relações antagônicas. Nisto se funda o caráter essencial do regime: os componentes mais característicos, o mais valor e a mercadoria, sejam o operário e o capitalista, produzem-se, desde o princípio, antagonicamente. Como evidenciamos anteriormente, o capitalismo iniciou-se lentamente, no período aqui analisado (1549-1767), na conjuntura histórica denominada de mercantilismo. Naquele período as forças produtivas ainda não estavam plenamente desenvolvidas. O período analisado é o nascimento do capital, e ele emerge do despojo, da violência, da expropriação de terras e da pilhagem colonial. A violência foi um dos fortes mecanismos da conquista colonial, assim explicitada por Portilla (1984, p.35):

Nos caminhos jazem dardos quebrados; os cabelos estão espalhados. Destelhadas estão as casas; incandescentes estão seus muros. Vermes abundam por ruas e praças, e as paredes estão manchadas de miolos arrebatados. Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido, e se bebíamos, eram águas de salitre. Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade, nos restava por herança uma rede de buracos. Nos escudos esteve nosso resguardo, mas os escudos não detêm nossa desolação [...].

Portilla (1984) descreve essas atrocidades a partir dos relatos astecas que sobreviveram à invasão espanhola na América Central. Com a derrota dos árabes frente aos espanhóis, por volta de 1492, com a queda de Granada, criaram-se as condições necessárias para que os espanhóis pudessem explorar o comércio da costa ocidental africana. Esta exploração foi, desde a sua gênese, mascarada com o zelo religioso e também apoiada na curiosidade científica e na concorrência comercial. Esses três aspectos exerceram uma força coercitiva, levou-os a ampliar esses novos mercados expandindo-se em direção ao sul, sempre rivalizando com o seu “irmão siamês” da península ibérica, os portugueses.

Foi esse magma de interesses sintetizados em bases objetivas no lucro insaciável, combinados com uma visão de mundo religiosa e austera, indiscutível e dedicada ao extremo, que, como um vendaval, assolou os espanhóis e os levou até os mares quentes e fervilhantes do Caribe e outras regiões mais distantes. A cobiça por riquezas associada a uma visão de mundo extremamente religiosa se tornou um amálgama tenazmente consolidado, visando à conquista.

Naquele período de acumulação primitiva do capital não havia uma uniformidade na formação social; enquanto em algumas regiões ocorria o trabalho assalariado, em outras prevalecia o trabalho servil, e, em outras, o trabalho escravo. Por não ser um decurso homogêneo e linear, em cada região havia particularidades e singularidades no desenvolvimento das forças produtivas. Porém, estavam todos inseridos na universalidade, que traz a marca distintiva da gênese do capitalismo em sua fase mercantilista.

Huberman (1986, p.161) afirma: “[...] comércio, conquista, pirataria, saque e exploração – essas são as formas, portanto, pelas quais o capital necessário para iniciar a produção foi resumido”. Marx (1978) completa afirmando que, se dinheiro vem ao mundo com uma mancha inata numa das faces, o capital vem gotejando da cabeça aos pés, de todos os poros, sangue e lama.

A atividade econômica da Companhia de Jesus foi a expressão dessa universalidade, do caráter diversificado de geração de mercadorias, em diversas regiões do mundo. Quevedo

(2000, p.11) descreve a particularidade desta produtividade nas reduções jesuíticas do Paraguai, onde o modelo de exploração da força de trabalho foi a do “índio reduzido”:

[...] neste modelo havia dois elementos: a) a propriedade coletiva de todos os meios de produção (Tupambaé), na qual se desenvolviam as atividades pecuaristas para garantir a autossuficiência e a produção de excedentes para a economia colonial espanhola; b) propriedade particular dos meios de produção (o Amambaé), onde se praticava a atividade por meio do trabalho livre e familiar para a autossuficiência da família missionária.

Esta forma de organização implicava relações de trabalho simultaneamente familiar, assalariada e cooperativa, naturalmente, sob a direção dos padres. Quevedo (2000) afirma que naquele período procurou-se especializar a força de trabalho, e isso provocou o surgimento de trabalhadores em vários ramos de atividades: tecelagem, carpintaria, olaria, curtição de couro, criação de animais e agricultura. Na avaliação de Quevedo (2000, p.12): “Este conjunto complexo de elementos é o responsável pelo êxito socioeconômico missionário do final do século XVII até a segunda metade do século XVIII”.

Naquele momento da história, a mercadoria já estava constituindo-se no caráter dominante e determinante do modo de produção capitalista. Para que o capitalismo exista, é preciso que a sociedade tenha um mercado desenvolvido, no qual os produtos possam ser livremente comprados ou vendidos em troca de moedas. Existe geração de mercadorias quando os produtos são fabricados sem qualquer interesse pessoal imediato do produtor em seu valor de uso, mas, sim, em seu valor de troca. Neste aspecto a geração econômica das reduções jesuíticas do Paraguai colocava os seus produtos em um mercado que estava se expandindo.

Gadelha (1980, p.145) descreve a inserção da América Latina e suas relações comerciais com o mercado mundial:

Com o afluxo da prata, no mercado peruano, os preços viram-se inflacionados, proporcionando aos mercadores lucros que chegaram a atingir 1.000%. Assim se explica que o Consulado limenho tenha se unido à burguesia sevilhana, exercendo pressão no sentido de reforçar o monopólio exclusivista espanhol.

A escassez de moeda provocada pela proibição da cunhagem na colônia não significa a “total ausência”, como afirma Gadelha. Esse direito era monopolizado pela burguesia sevilhana, que manteve o comércio colonial, durante mais de um século, em suas mãos. A fabricação e o comércio de mercadorias eram feitos em escala mundial, e, em cada região, ganhava uma configuração particular.

Haubert (1990) descreve a prática econômica das reduções jesuíticas e, através de farta documentação da época, esclarece-nos que, quando os jesuítas foram expulsos, em 1767, os

rebanhos das reduções contavam com mais de um milhão de bovinos, trezentos mil carneiros e cem mil cavalos. Evidentemente, relações de produção e criação de gado dessa ordem não poderiam ser feudais. Portanto, a tese apresentada por Gadelha de uma economia natural e, conseqüentemente, a tese apresentada pelos teóricos e historiadores ligados a Companhia de Jesus, destacando que a resultante econômica das reduções jesuíticas era utilizada apenas para a subsistência da “família missionária”, e a lavoura e a pecuária eram feitas isoladamente, somente nos estreitos limites dos colégios, não se sustenta.

A gênese do mercado mundial emerge no contexto analisado porque o produto só se torna produto efetivo no consumo. Por exemplo, a erva-mate produzida pelos índios guaranis nas reduções converte-se efetivamente em erva-mate quando é usada. Se a erva-mate não fosse utilizada, não seria erva-mate efetiva. O produto, diversamente do simples objeto natural, não se confirma como produto, não se torna produto, senão no consumo.

Ao dissolver o produto, o consumo lhe dá o seu retoque final. De acordo com Marx (1978), o produto não é apenas a elaboração de mercadorias enquanto atividade codificada, mas também enquanto objeto para o sujeito em atividade. Ele afirma que o consumo cria a necessidade da reprodução, ou seja, o fundamento que move internamente a geração de mercadorias e que é a sua pressuposição. Nesta acepção, o consumo cria o impulso da geração de mercadorias, cria também o objeto que atua na produção como determinante da finalidade. É claro que a produção oferece o objeto de consumo e põe idealmente o objeto na geração de mercadorias, como imagem interior, como necessidade, como impulso e como fim. O consumo cria os objetos da produção de uma forma ainda subjetiva. Sem necessidade não há geração de mercadorias. Mas o consumo reproduz a necessidade.

Uma das mercadorias mais produzidas e mais consumidas no cone-sul da América Latina foi a erva-mate. O historiador Magnus Morner (1968) afirma que, na década de 1670, as missões jesuíticas do Paraguai produziram e exportaram 40.000 arrobas anuais do produto. A população de Tucuman e Rio da Plata era a maior consumidora (entre 20 e 30 mil arrobas) anual. Marx (1978, p.109) tinha razão quando afirmava: “a produção é, pois, imediatamente produção”. A extração e cultivo da erva-mate e a utilização da força de trabalho indígena levam alguns autores a caracterizar esse período da trajetória do Paraguai colonial como contendo relações feudais e escravocratas. A alegação para tais concepções é a afirmação de que a “essência do capitalismo é o trabalho assalariado”. E, em sua forma, a “*encomienda*” se assemelhava às relações servis.

Em relação ao aspecto descrito, no que tange ao desenvolvimento das forças produtivas, Marx (1978, p.38) esclarece que:

Em certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existente ou, o que nada mais é do que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro dos quais até então tinha se movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas estas relações se transformam em seus grilhões.

O período de transição para o capitalismo é um contexto de luta entre as forças conservadoras e as forças revolucionárias. Um exemplo elucidativo desse processo é a própria Companhia de Jesus. Pois, em seus vários empreendimentos econômicos, em diferentes regiões do mundo, apresentava essa configuração multifacetada, expressa na utilização da força de trabalho escrava e assalariada. Nas reduções jesuíticas mesclavam-se o trabalho servil e assalariado, com propriedades privadas e coletivas.

O que é importante salientar é que o capitalismo se institui no mundo inteiro subsumindo outras formas de relações de trabalho, como a escravidão nos Estados Unidos, ou formas servis nas Índias Ocidentais e Orientais.

2. QUAIS FORAM OS OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICO?

Feitas as considerações sobre as categorias constitutivas da análise empreendida no trabalho, há a necessidade de redirecionar a discussão sobre o objetivo geral da pesquisa. Partindo das concepções teóricas já explicitadas nas páginas anteriores, buscou-se levantar as fontes que pudessem revelar os dados sobre as reduções jesuíticas do Paraguai.

O objetivo geral da análise foi contextualizar historicamente e delimitar o período de investigação (1549-1767), compreendendo que o período possuía dois aspectos de inflexão distintos: 1) A chegada dos jesuítas na América; 2) A expulsão dos inicianos das possessões espanholas, com a demarcação da conjuntura histórica inserida no período de acumulação primitiva do capital.

Partindo desse objetivo geral, foram delimitados os objetivos específicos: a compreensão das particularidades e as singularidades das reduções jesuíticas inseridas na universalidade da acumulação primitiva de capitais e, mais especificamente, como se desenvolveram a economia, a cultura e a educação na espacialidade reducional.

No campo da economia política, buscamos descortinar quais eram as mercadorias produzidas e compreender a força de trabalho que fora utilizada no empreendimento. E principalmente, se as mercadorias produzidas estavam inseridas na lógica do mercado

mundial. No aspecto cultural, o objetivo específico foi descrever como se deu a inter-relação entre os guaranis e a sociedade europeia, com o intuito de compreender as contradições inerentes a estas novas relações sociais que ali se processaram. No campo educacional, a análise privilegiou a inter-relação da religião com a educação ministrada pelos inacianos na instituição do imaginário social no cone-sul da América Latina.

3. QUAIS FORAM AS FONTES DE DADOS ESSENCIAIS PARA A PESQUISA?

A pesquisa foi fundamentada na coleta de dados em fontes documentais, como se segue.

Primeiramente, a documentação manuscrita da coleção de Angelis (1836), existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde foram microfilmados e efetuada uma apurada leitura de cerca de 88 documentos, o que embasou as informações importantes sobre as problemáticas gestadas pelos inacianos, na Província do Paraguai.

Outra fonte documental importante foram as informações contidas nas Cartas ânuas escritas por diversos jesuítas e publicadas por Emilio Ravignani (1927) (1929), na coleção por ele organizada: *Iglesia: Cartas Annuas de la Provincia Del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañia de Jesús (1609-1614)*. Esta documentação foi complementada pelos documentos reunidos e publicados por Jaime Cortesão (1951) (1952) (1970), em cinco volumes, e que se relacionam, em grande parte, aos conflitos existentes entre os inacianos e os bandeirantes nas Províncias do Guairá, Tapes, Itatim, Uruguai e Colônia do Sacramento.

Ainda no mesmo campo, foram acessadas as informações das *Cartas Ânua de La Provincia do Paraguai (1637-1639)*, publicadas por Ernesto Maeder em 1984.

Quanto aos cronistas, não poderíamos deixar de mencionar a importância da obra de Juan Francisco Aguirre (1948) publicada em dois volumes e intitulada *Diário de Capitán de Fragata de La Real Armada, Juan Francisco Aguirre*. A publicação se encontra na Revista da Biblioteca Nacional de Buenos Aires. Muitos cronistas que utilizamos como fonte foram, também, testemunhas oculares dos acontecimentos a que reportamos. A validade dos depoimentos apresentados por cada um deles varia segundo a sua maior capacidade de observação.

Entre os cronistas do século XVI, Ulrico Schimel (1962) é, sem dúvida, o mais lúcido. Esse soldado alemão e protestante, que esteve na região, não esconde os atos de violência

cometidos pelos espanhóis contra os índios, mantendo um tom “imparcial” em seus relatos sem cair na apologia, acabando por se constituir em fonte importante.

Outros cronistas importantes são Rui Diaz de Guzmán (1980), Martin Irala (1974) e Cabeza de Vaca (1987) que, apesar do tom apologético, trazem uma contribuição importante pois foram personagens fundamentais nos episódios relatados.

Os cronistas da Companhia de Jesus, apesar de sua visão unilateral, apresentam contribuição significativa, pois foram os atores dos principais episódios ocorridos nas reduções jesuíticas, sendo que muitos desses cronistas foram fundadores de várias reduções. Dentre os cronistas da Companhia de Jesus, foram fontes necessárias para a realização do trabalho: Antonio Seep (1980), Josep Manuel Peramás (2004), Ruben Ugarte (1954), Diego Torres (1929), Antonio Ruiz de Montoya (1989) (1997), Guilherme Furlong (1968) (1962), José Cardiel (1913) e Antonio Astrain (1996). Os cronistas destacados apresentam informações sobre a vida social, econômica, política e religiosa das reduções jesuíticas do Paraguai.

No século XVIII, inúmeros cronistas se preocuparam em relatar as relações sociais estabelecidas nas reduções jesuíticas do Paraguai. Os relatos em muitos casos foram efetivados através da visita dos cronistas citados *in loco*, e em outros episódios através de informações obtidas por viajantes. Dos cronistas do século XVIII, podemos destacar as contribuições de Antonio Ludovico Muratori, que apresenta um relato equilibrado sobre as reduções jesuíticas.

Por meio de uma visão culturalista, Muratori (1969) descreve a vida social das reduções jesuíticas em vários aspectos, principalmente a questão educacional. Outro cronista que traz uma contribuição significativa para a realização da pesquisa é o Padre Chaerlevoix, que faz um relato crítico sobre a ação inaciana na Província do Paraguai. Pesa contra a obra de Chaerlevoix (1747) o fato de ele não ter sido testemunha direta dos fatos que descreve, a base de seu trabalho se fundamenta em relatos de seus contemporâneos. A obra de Chaerlevoix perde um pouco de interesse na medida em que relata fatos nem sempre com base documental. As informações extraídas da obra de Chaerlevoix foram utilizadas na apreciação a partir do cruzamento com outras fontes.

Entre as fontes historiográficas destacam-se as obras de Regina Maria A. F. Gadelha (1980), Máxime Haubert (1990) e Clóvis Lugon (1977). Estas três obras historiográficas apresentam uma radiografia completa das reduções jesuíticas. Fundamentadas em fontes

documentais, os três autores trazem uma enorme contribuição para a compreensão histórica do Paraguai colonial.

Os trabalhos acadêmicos cujo foco central é a Companhia de Jesus contribuíram como fontes para a compreensão da ação inaciana e de seus empreendimentos econômicos; foram as obras de Paulo de Assunção (2004), Charles Boxer (1979) e Dauril Alden (1970). No campo antropológico destaco a obra de Júlio Quevedo (2000), que traz reflexões necessárias acerca das relações entre jesuítas e guaranis.

Porém a contribuição categórica no campo antropológico para a compreensão do aspecto “cultural”, estabelecido a partir da invasão espanhola, é de Meliá (1997) (1991) (2008). Foi a partir das fontes elencadas que empreendemos as análises das reduções jesuíticas do Paraguai e conseqüentemente descrevemos as atividades econômicas, culturais e educacionais ali desenvolvidas. Por esta razão, esse estudo evidenciou sempre a estrutura de apropriação econômica e dominação política em que tendem a se cristalizar as relações e o antagonismo que se engendraram nas reduções jesuíticas do Paraguai.

4. COMO FOI ESTRUTURADO O TRABALHO?

Quanto à estrutura do trabalho, foram elaborados três capítulos subdivididos em subcapítulos e a Conclusão.

O primeiro capítulo apresentou uma breve trajetória da Companhia de Jesus e as controvérsias contidas na historiografia acerca da sua atuação econômica, missionária e educacional. A Companhia de Jesus foi fundada em 1540, pelo espanhol Inácio de Loyola, e confirmada como Ordem religiosa pelo Papa Paulo III. A partir daquele momento, os inacianos se espalharam pelos quatro cantos do mundo. A inserção social da Companhia provocou um acirrado debate sobre as suas ações catequéticas, econômicas e culturais. No primeiro capítulo, buscou-se descrever as vertentes teóricas que enfatizam a ação inaciana. Visando assegurar uma visão mais matizada e de conjunto sobre como a problemática jesuítica é tratada na historiografia, foram consideradas duas vertentes.

O primeiro grupo a ser considerado foram os cronistas da Companhia de Jesus, e o segundo, os autores que produziram trabalhos acadêmicos que tinham como objeto a Companhia de Jesus. Guiaram a discussão do primeiro grupo os padres Serafim Leite, Guillermo Furlong e Antonio Seep. No segundo grupo, dentro da vertente historiográfica que

produziu trabalhos acadêmicos, foram destacados Máxime Haubert (1990), Clóvis Lugon (1977), Regina Gadelha (1980), Paulo de Assunção (2004) e Gilberto Luiz Alves (1993).

No campo teórico, guiaram a discussão as principais controvérsias contidas na historiografia sobre a atuação jesuítica:

- Se a atuação jesuítica estava umbilicalmente ligada ao pensamento contra reformista?
- Se as práticas econômicas das reduções jesuíticas estavam ligadas ao feudalismo?
- Naquele período histórico, o Paraguai colonial estava inserido no modo de produção feudal?

Dentro da perspectiva de responder a estas indagações, foram destacadas as produções teóricas de Serafim Leite (1937) (1938), Máxime Haubert (1990), Antônio Gramsci (1978. a) (1978. b), Regina Gadelha (1980), Clóvis Lugon (1977) e Gilberto Luiz Alves (1993). Ao final do capítulo, foram construídas considerações a respeito da divergência teórica explicitada na obra dos autores.

Procurou-se, desse modo, realçar as considerações comparativas entre as duas vertentes de pensamento, destacando o desenvolvimento teórico dos autores que produziram trabalhos tendo como objeto de análise a ação inaciana. A opção foi selecionar estudiosos que tivessem refletido sobre a contribuição jesuítica, sob o prisma da apologética ou da contradição, e que permitissem, por meio de suas obras, apreender as especificidades e as contradições pertinentes às diversas análises.

No segundo capítulo, é descrito o contexto social e histórico em que foram instituídas as reduções jesuíticas no Paraguai, ao apresentar as contradições entre as diversas frações da sociedade colonial paraguaia que disputavam a hegemonia política, econômica e social. Nele também é evidenciada a relação entre o caráter singular em que emerge o Paraguai Colonial, com as particularidades das reduções, inserido em uma conjunção universalizante do mercado mundial.

O terceiro capítulo está centrado sobre a vida na “redução”, sua origem, suas características no Paraguai, enfatizando a vida cultural e educacional em seu seio. Nele procurou-se investigar a inter-relação entre religião/educação e descrever o processo de instituição do imaginário capitalista. A reflexão recai sobre as atividades educacionais, que envolveram tanto a educação assistemática e a catequese, quanto a educação escolar.

5. QUAIS FORAM AS CONCLUSÕES OBTIDAS

Por fim, a partir das elaborações sistematizadas nos capítulos antecedentes, a conclusões exauridas na dissertação de mestrado evidenciou a totalidade em que emergiram as reduções jesuíticas inseridas na gênese da acumulação originária. A marca dessa trajetória traz em sua essência as nódoas distintivas do capitalismo. As reduções jesuíticas estavam sob a égide do Estado espanhol, e a Companhia de Jesus recebeu o monopólio sobre a força de trabalho indígena que pudesse converter. O modelo adotado para a exploração da força de trabalho indígena foi a do “índio reduzido”.

A partir do domínio da base material, a Companhia de Jesus erigiu uma organização política, catequética e educacional, objetivando a qualquer preço catequizar e “civilizar” os indígenas, substituindo as crenças da cultura original indígena pela cultura ocidental. Porém, na espacialidade reducional, o decurso da aculturação foi extremamente contraditório; a palavra guarani nunca foi silenciada e foi um instrumento de luta contra o invasor. A partir destas novas relações sociais fundamentadas na técnica europeia e na cultura da reciprocidade guarani, se desenvolveu uma sociedade guarani-missioneira.

Esta sociedade produziu um relativo desenvolvimento econômico, social e cultural que provocou uma cisão entre as diversas frações da sociedade colonial paraguaia e culminou com a crise global que envolveu a Companhia de Jesus com as monarquias católicas. Esse processo é concomitante com a expulsão dos “Soldados de Cristo” de todas as possessões espanholas e provocou o esfacelamento da sociedade guarani-missioneira.

A matéria tratada foi de extrema complexidade e sua abordagem revestiu-se de certa novidade para o Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por se tratar do primeiro trabalho que aborda a trajetória da educação do período colonial. Logo, não há como renunciar ao reconhecimento do caráter preliminar dos resultados obtidos nesta investigação. Muitas questões apresentadas exigem aprofundamento: pontualmente, as questões que se relacionam com as causas que provocaram a expulsão dos jesuítas das possessões espanholas e o conteúdo pedagógico da educação escolar nas reduções jesuíticas do Paraguai são os aspectos que necessitam de pesquisas mais aprofundadas.

Deste modo, propõe-se a necessidade premente para o Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul da instauração de uma linha de pesquisa que

possa produzir, no âmbito da investigação, a acumulação de conhecimento, e contemplar o desenvolvimento teórico da História da Educação.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Busquei no artigo apresentar de forma sucinta o processo de desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, enfatizando a estrutura do trabalho que foi apresentado e aprovado no ano de 2008. Tracei o caminho percorrido desde a participação **no grupo de pesquisa** que despertou a minha curiosidade para o tema, a elaboração do “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, o referencial teórico que iluminou minhas reflexões, a metodologia aplicada, a fonte dos dados, os objetivos delimitados, a estrutura do trabalho e, por fim, as conclusões aferidas. O texto que por hora finalizo teve por objetivo dar um “norte” para os futuros pesquisadores, acerca do percurso a ser tomado, e apresentar os elementos que considero essenciais para o desenvolvimento desse caminhar solitário do investigador.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Juan F. *Diário de Capitán de Fragata de la Real Armada, Juan Francisco Aguirre. Revista de la Biblioteca Nacional*, Buenos Aires: Imprensa de la Biblioteca Nacional, 1948.
- ALDEN, Daúril. Aspectos econômicos da expulsão dos jesuítas do Brasil. In: KEITH, Henry H.; EDWARDS, S. F. (Org.) *Conflito e continuidade na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- ALVES, Gilberto Luiz. *Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864*. Campo Grande: Editora UFMS/Imprensa Universitária, 1984.
- _____. *O pensamento burguês no seminário de Olinda (1800-1836)*. Ibitinga: Humanidades, 1993.
- ANGELIS, Pedro. Noticias biográficas del padre José Quiroga. In: QUIROGA, José. *Descripción del río Paraguay, desde la boca del Xaurú hasta la confluencia del Paraná*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.
- ARÉCO, Silvino. *Homens de Negro (s): a epopeia jesuítica na América Colonial*. Saabrukren - Alemanha: Nova Edições Acadêmicas, 2014.

ARÉCO, Silvino. *A acumulação primitiva nos domínios ultramarinos: educação e trabalho nas reduções jesuíticas do Paraguai (1549-1767), o caráter singular e o universal*. 2013. 372f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2013.

_____. *As reduções jesuíticas do Paraguai: a vida cultural, econômica e Educacional*. 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2008.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

ASTRAIN, Antônio. *Jesuítas, Guaranies y Encomenderos: historia de la Compañía de Jesús en el Paraguay*. 2. ed. Assunción: CEPAG-FPMN, 1996.

BOXER, Charles. *O império marítimo português: 1415-1825*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.

CABEZA DE VACA, Álvar Núñez. *Naufraágios e comentários*. Trad. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CARDIEL, José. Breve relación de las misiones Del Paraguay. In: HERNANDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaranies de la compañía de Jesús*. Barcelona: Gustavo Gili, 1913.

_____. *Compendio de la Historia Del Paraguay (1780)*. Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984.

CHARLEVOIX, Pierre. F. Xavier. *Histoire du Paraguay*. Paris: Didot-Gilffort-Nyon, 1747.

CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

_____. *Manuscritos da Coleção De Angelis - Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional - Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952.

_____. *Manuscritos da Coleção De Angelis - Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional - Divisão de Obras Raras e Publicações, 1970.

DE ANGELIS, Pedro. Noticias biográficas del padre José Quiroga. In: QUIROGA, José. *Descripción del río Paraguay, desde la boca del Xaurú hasta la confluencia del Paraná*. Buenos Aires: Implenta Del Estado, 1836.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1991. v. I.

FURLONG, Guillermo. *Alonso Barzana s.j. y su "Carta a Juan Sebastián" (1954)*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1968.

FURLONG, Guillermo. *Antonio Sepp, s.j. Y su "Gobierno Temporal" (1732)*. Buenos Aires, 1962.

GADELHA, Regina Maria A. F. *As Missões do Itatim*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978a.

_____. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978 b.

GUZMÁN, Ruy Díaz de. *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*. Ediciones Comuneros, Asunción: (sn). 1980.

HAUBERT, Máxime. *Índios e Jesuítas no Tempo das Missões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

IANNI, Octávio. *Marx: sociologia*. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

IRALA, Domingo Martinez de. *Río de La Plata. Gobernacion de Domingo Martinez de Irala*. In: *Cartas de Indias*. Madrid: Ediciones Atlas/Biblioteca de Autores Españoles desde la formacion del lenguaje hasta nuestros dias. 1974. Tomo II.

KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEITE, Serafim S. J. *Páginas de História do Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Tomos I, II, III. Portugal, 1938.

_____. *Terras que Estácio de Sá mandou doar ao Colégio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Monumento Basílica, 1970.

_____. *Breve história da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

LUGON, Clóvis. *A República "Comunista" Cristã dos Guaranis (1610-1768)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MAEDER, Ernesto J. A. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay (1637-1639)*. Buenos Aires: Fecic, 1984

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos e outros textos escolhidos*. Trad. José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

_____. *O Capital: Crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant' Anna. V. II. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

MARX, Karl. *Observações críticas à margem do artigo: O rei da Prússia e a reforma social*. Londres: Pequim Books, 1963.

_____. *El Capital*, 3 tomos. México: Fondo de Cultura Econômica, 1946.

MARX, Karl; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *A questão judaica*. Rio de Janeiro: Loemmart, 1969.

MELIÁ, Bartomeu. *Una nación dos culturas*. 4.ed. Assunción: CEPAG, 1997.

_____. *Educación Indígena y Alfabetización*. Assunción: CEPAG, 2008.

_____. *El Guarani: experiência religiosa*. Assunción: CEPAG, 1991.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Rosário: s.e. 1989.

_____. *Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguay e Tape (1639)*. 2. ed. brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

MORNER, Magnus. *Actividades políticas y econômicas de los jesuítas em Rio de la Plata*. Buenos Aires: Paidós, 1969.

MURATORI, Antonio. *Relation des Missions du Paraguay*. Paris: Maspero - La Découverte, 1983.

PERAMÁS, Josep Manuel. *Platón y los guaranies*. Assunción: CEPAG, 2004.

PORTELLI, A. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1984.

PORTILHA, Miguel. L. *A conquista da América vista pelos índios; relatos Astecas, Maias e Incas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

QUEVEDO, Júlio. *Guerreiros e jesuítas: na utopia do Prata*. Bauru: Edusc, 2000.

RAVIGNAN, G. F. X de. L.? *Quiénes son los jesuítas?* Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1888.

RAVIGNANI, Emilio (Org.). *Iglesia: Cartas Annuas de la Provincia Del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1609-1614)*. Buenos Aires: Jacobo Peuser, 1927.

RAVIGNANI, Emilio (Org.). *Iglesia: Cartas Annuas da Província de Paraguay, Chile e Tucumán de La Compañía de Jesús (1615-1637)*. Buenos Aires: Jacobo Peuser, 1929. (Documentos para la historia Argentina).

SCHIMEDL, Ulrico. Viajes al Rio de la Plata. In: GAIBROIS, Manuel Ballesteros. *Viajes por América del sur*. Madrid: Aguillar, 1962.

SEPP, Antônio. *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Trad. A. Reymundo Schneider. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.

TORRES, Diego de. Segunda Carta, Del P. Diego de Torres (6 de junio de 1610). In: RAVIGNANI, Emilio. *Iglesia: Cartas annuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañia de Jesús (1615-1637)*. Buenos Aires: Jacobo Peuser, 1929.

UGARTE, Ruben .V. *História del Peru*. Buenos Aires: Studien, 1954.